

## **A Contribuição dos Estudos Discursivos Foucaultianos para uma Análise do Espaço Heterotópico *AzMina***

### ***The Foucauldian Discourse Studies Contribution to Analysis on the Heterotopic Space 'AzMina'***

Bruna Cristina Almeida Faria  
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Andréa Zíngara Miranda  
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão acerca da produtividade dos estudos discursivos foucaultianos na e para análise de enunciados veiculados pela revista eletrônica *AzMina* em março de 2020. Primamos, no entanto, por um recorte, a partir de um gesto de leitura e de interpretação de uma sequência discursiva de autoria do Presidente da República em exercício, Exmo. Sr. Jair Messias Bolsonaro, publicada no referido veículo. Entendemos que esse espaço deu e dá voz ao sujeito feminino vítima de violências de cunho machista materializadas nos corpos das mulheres no período de isolamento social durante a pandemia provocada pelo novo Coronavírus. Para isso, lançamos mão das noções foucaultianas de heterotopia (2001), de contraconduta (2004), de dispositivo (1999) e de biopolítica (2008), pois quando articuladas tais noções promovem a compreensão do modo de construção de um espaço heterotópico configurado nessa revista ao gerar novas significações, valores e inspirar, por meio da desestabilização das convenções, outros projetos de vivência, representando as mulheres em sua heterogeneidade ao mesmo tempo em que demonstram a atualidade do pensamento do filósofo Michel Foucault para análises de discursos.

**Palavras-chave:** Estudos discursivos foucaultianos; Espaço heterotópico; Discurso

**Abstract:** This study aim is to reflect toward the productivity of the foucauldian discourse studies in and for the analysis present on statements disseminated by the electronic magazine *AzMina* in March 2020. We have chosen to delimit our study focusing on the interpretation of a discursive sequence that was published in the referred vehicle, whose author is the acting Federal President, Mr. Jair Messias Bolsonaro. We comprehend that this space gave the female person a voice and it still does, especially the ones that are victims of male chauvinism violence. This violence has been materializing on women's bodies in the social distance period during the pandemic caused by Coronavirus. To this end, we have based our study on the foucauldian concepts of heterotopia (2001), counter-conduct (2004), disposition (1999) and biopolitics (2008) because, once these notions are



articulated, they promote a better comprehension of the way that the heterotopic space is constructed and shaped in this magazine, as it generates fresh meanings and values. These notions, through customs destabilization, also inspire other ways of living, representing women and their heterogeneity whilst show the currentness of the philosopher Michel Foucault's thoughts towards discourse analysis.

**Keywords:** Foucauldian discourse studies; Heterotopic space; Discourse

## 1 Considerações iniciais

Propomos neste artigo uma breve discussão a partir de uma Sequência Discursiva-SD, cujo recorte faz parte do *corpus* de uma pesquisa de mestrado, em andamento, acerca de espaços heterotópicos, como o *blog ThinkOlga*, no qual observa-se o que se convencionou chamar *ciberfeminismo*. As reflexões aqui empreendidas permitirão demonstrar e compartilhar a contribuição e, por conseguinte, a relevância do método serialista foucaultiano para uma atitude filosófica, a partir da qual podemos problematizar, historicizar, *sacudir* e até nos desprendermos da construção social de mulheres e homens cujas subjetividades vêm sendo delineadas como produtos de classificações naturalizadas que, por sua vez, se eternizam não considerando, para tanto, o ser como parte de um processo histórico e, como tal, passível de descontinuidades. A partir dessa constatação, parece-nos oportuno lançar mão do conceito de heterotopia, tal como empreendido por Michel Foucault (2001), na e para análise da SD veiculada pela revista eletrônica *AzMina* em março de 2020.

Os movimentos feministas foram e são uma das frentes mais importantes de enfrentamento à injustiça social no mundo. No entanto, apesar dessa incontestável contribuição em território brasileiro, consideramos que a crise sanitária, resultante da pandemia provocada pelo novo Coronavírus, ampliou a violência doméstica, principalmente contra o sujeito feminino, o que requer a estruturação de um pensamento emancipatório, como ponto inicial, que abranja a diversidade e a potencialidade de vida. Nesse sentido, Regina Baracuhy (2018) aponta essa potencialidade de vida como um *biopoder*, que tem como desígnio não mais matar, mas fazer viver. É sob essa percepção que nossa escrita se desenvolveu, isto é, a presente discussão propôs-se a refletir sobre a

violência contra o gênero<sup>1</sup> feminino no Brasil durante o isolamento social a partir da noção de *biopolítica* (FOUCAULT, 2008). Para isso, dialogamos, para além da SD da revista *AzMina*, com uma SD veiculada pelo jornal eletrônico *Le Monde Diplomatique Brasil*, também de março de 2020. Motivadas por essas SDs, problematizamos, em um primeiro momento, de que modo se dão as violências de cunho machista, não desconsiderando, obviamente, que elas podem ocorrer de homens para mulheres e de mulheres para mulheres, que se materializam nos corpos femininos, “onde há um sistema de vigilância e controle em que há uma visibilidade incessante, o estabelecimento de limites e de diagnósticos” (BARACUHY, 2018). A partir disso, primamos, como objetivo geral, a leitura e a interpretação da revista *AzMina*, entendida, aqui, como um espaço heterotópico, tal qual compreendido por Foucault (2001), onde se localiza a SD1 para, então, compreendermos: i) o neoliberalismo, que produz novas subjetividades e precariedades ao explorar os corpos femininos tornando-os ainda mais úteis no período de isolamento social e, ii) entender como a realidade biopolítica atua no contexto de violência doméstica articulada às violências políticas, econômicas e sanitárias. Vale lembrar que ambos conceitos estão articulados ao dispositivo de poder patriarcal.

Para tanto, nos debruçamos sobre alguns escritos de Foucault (1996, 1999, 2007, 2008) cujas reflexões aí explanadas foram cruciais, principalmente para entendermos de que modo espaços heterotópicos agenciam e acolhem, como verdadeiros, discursos que fabricam o sujeito feminino na contemporaneidade; e de algumas autoras que dialogam com tais reflexões foucaultianas: Tania Swain (2003), Margareth Rago (2014) e Regina Baracuhy (2018).

O gesto de leitura e de interpretação das SDs permitiu observar que diante da crise sanitária, derivada da pandemia da Covid-19, tivemos consequências como o isolamento social como uma medida de segurança e prevenção mais efetiva, fazendo com que voltássemos aos domicílios, lugares esses que se configuraram como verdadeiras prisões, como demonstrado na SD constante no jornal *Le Monde*. Em relação à *AzMina*, a revista desponta como uma heterotopia feminista por gerar novas significações, valores e

---

<sup>1</sup> Partindo do pressuposto de que o conceito de gênero é discutido exaustivamente desde a década de 1970 por especialistas, como atesta um grande número de trabalhos sobre a temática, não trataremos, aqui, dessa categoria em suas especificidades. No entanto, coadunamos com seu objetivo principal, isto é, primar por uma sociedade sem hierarquia de gênero, uma vez que não se nasce mulher e não se nasce homem, pois não se é um dado biológico, natural. Assim, constroem-se social, cultural, econômico e politicamente, o homem e a mulher.

inspirar, por meio da desestabilização das convenções, outros projetos de vivência, representando, via discurso, as mulheres em sua heterogeneidade.

## 2 Espaços heterotópicos

O avanço da tecnologia permite observar que em momento algum da história a internet promoveu tanta produção de conteúdo alternativos àqueles ditos tradicionais, como grandes grupos de meios de comunicação. Isso, conseqüentemente, mobiliza a luta política de certos grupos, isto é, permite que grupos minoritários como a população feminina, por exemplo, produzam *vozes* que não são, ou que pelo menos não eram reconhecidas no espaço midiático. Nesse sentido, os jornais eletrônicos, incentivados pelas manifestações nas redes sociais pro de equidade, endossam tal iniciativa, como reforçam Dulcília Buitoni e Martha Lopes (2018) ao dizerem que essas iniciativas fazem parte de um ciberativismo que, no Brasil, surge a partir de junho de 2013 com uma série de mobilizações, articuladas pela internet, motivada pela insatisfação popular com a representação política nacional.<sup>2</sup>

Nesse cenário, damos destaque à *AzMina*, criada em agosto de 2015 pela jornalista Nana Queiroz, entendida, aqui, como um espaço heterotópico, em uma perspectiva foucaultiana quando define as heterotopias como lugares reais e efetivos, desenhados na constituição da sociedade, mas que são contra-lugares. Como afirma Foucault (2001), as heterotopias são espaços que têm uma função em relação aos outros espaços, pois são de ilusão ou de compensação:

[...] as heterotopias têm, em relação ao espaço restante, uma função. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. Ou pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal-disposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação (FOUCAULT, 2001, p. 420-421).

---

<sup>2</sup> Em referência a diversos autores, as pesquisadoras explicam o que se convencionou chamar *Primavera de Mulheres*, uma série de movimentos que desencadeou protestos cujo ápice ocorreu em 2015, com convocações, via redes sociais, para ações e mobilizações feministas no Brasil (BUITONI & LOPES, 2018).

Vale lembrar que esse conceito apareceu pela primeira vez no prefácio de *As palavras e as coisas*, obra na qual Foucault (1966) explica que a ideia dessa noção veio de um texto de Jorge Luis Borges, que cita uma enciclopédia chinesa. Ainda em 1966, no artigo *La pensée du dehors* (O pensamento do fora), onde o termo também aparece, o autor expressa uma preocupação com a questão do espaço, mais precisamente do espaço literário. Assim, ele pensa um *fora* em relação à linguagem e ao sujeito. Finalmente, um terceiro texto, *Des espaces autres* (Espaços outros), resultado de uma conferência sobre estudos de Arquitetura, em 1967 na Tunísia, porém publicado somente em 1984, após autorização do autor, no qual ele retoma as ideias dos outros dois. Com isso, queremos dizer que, assim como o filósofo francês postula, os espaços nos são oferecidos sob forma de relações de posicionamentos, isto é, no espaço contemporâneo nossa vida ainda é regida por uma série de oposições, tais como o espaço público e o privado, o espaço cultural e o espaço útil, o familiar e o social, o de lazer e o de trabalho, assim como a vida das mulheres representadas na revista.

Isso posto, entendemos que *AzMina* constitui-se como um espaço de compensação, visto que acolhe e propaga posições-sujeito heterogêneas, se comparado a outros espaços midiáticos. Tendo em seu cerne o jornalismo investigativo, a ativista pretendeu dar voz a uma parcela da população negligenciada pela imprensa tradicional, isto é, a população feminina. Com isso em vista, ela formou uma equipe de mulheres, o que resultou na consolidação dessa revista cuja *redação* é feminista. É preciso compreender, então, quem são os sujeitos femininos discursivizados nesse espaço e que mecanismos a revista mobiliza na e para contracondutas.

As contracondutas são uma reação às práticas modernas de governar a vida, práticas essas que assumem como escopo “conduzir a conduta dos indivíduos” (FOUCAULT, 2004, p. 125). Quanto a isso, as mulheres discursivizadas nesses espaços, considerados aqui como heterotópicos, saem do silêncio e (re)atualizam “um prodigioso fortalecimento que saiu dessa série de agitações e de revoltas” (FOUCAULT, 2004, p. 153). Assim, o poder do governo moderno sobre a vida motiva contracondutas, a partir das quais constroem-se campos de lutas e de enfrentamentos como reação a um conjunto de acontecimentos, estabelecendo aí uma “correlação imediata e fundadora entre a conduta e a contraconduta” (FOUCAULT, 2004, p. 199).

O reconhecimento, a partir do recorte discursivo trazido para esta discussão, de que *AzMina* viabiliza outras possibilidades de representação do sujeito feminino, não representado com destaque, até então, nas mídias tradicionais, nos leva a concebê-la como uma plataforma heterotópica feminista ou, dito de outro modo, como um contra-lugar. A SD1: *tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão* proferida pelo Presidente da República em exercício e publicada nesse veículo, atesta um modo de discursivizar a mulher diferente daquele preconizado nas mídias tradicionais. Ainda a título de exemplo, vejamos a SD2, veiculada pelo *Le Monde*: [...] *como será gerida a crise financeira quando casa e trabalho recaem sobre o mesmo espaço físico e às costas das mulheres é que se joga socialmente o oneroso trabalho reprodutivo? [...]*. Ao explanar sobre as consequências do isolamento social, porta-vozes do jornal francês dão destaque às desigualdades sociais de modo bem genérico, sem trazer à tona as violências domésticas, principalmente as voltadas contra o gênero feminino.

Ao dar voz a essa parcela cada vez mais crescente em nosso país, materializam-se estratégias de enfrentamento à violência de gênero; essas estratégias, no entanto, só são possibilitadas graças aos democráticos veículos na e da internet, que contribuem na e para propagação de informações, também para obtenção de recursos – a partir de patrocínios coletivos –, para a comunicação mais acessível ao público e, principalmente, contribuem para o fortalecimento de construções de espaços nos quais sujeitos homens e mulheres possam debater democraticamente. Vale lembrar que a revista *AzMina* é mantida por meio de doações de fundações privadas nacionais e internacionais, *crowdfundings* e financiamento dos leitores, patrocínio a projetos ou eventos e editais.

## 2.1 Possibilidades heterotópicas feministas

Rago (2014) em seu texto *O feminismo acolhe Foucault* pontua que as articulações entre as reflexões foucaultianas e os debates feministas da atualidade podem auxiliar para que novas formas de pensar sejam criadas, de forma que denunciem as relações de poder constitutivas dos saberes dominantes e, assim, abram espaços para uma imaginação criativa. A historiadora feminista explica que o combate contra a violência sofrida pelas mulheres não resulta apenas de uma exclusão física, mas também de pontos do campo

simbólico e do imaginário social, que hierarquizam o mundo, produzindo regimes de verdade excludentes e autoritários.

Ainda nessa linha de pensamento, Swain (2003) define heterotopia feminista como uma experiência específica, com local e período determinados, nos quais mulheres/feministas criam um espaço outro de fluidez, de crítica e de modificação de autorrepresentações e das representações sociais sexuadas, espaço no qual a identidade é movimento, o ser e a ação política são a transformação. Considerando a movência das identidades (FERNANDES, 2009) e as performances de gênero (BUTLER, 2012), é preciso refletir sobre as possibilidades de libertação dos regimes de verdade que constroem identidades unificadas a partir desses mecanismos de inconstância.

Ainda com Swain (2003), precisamos pensar os discursos como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem, como características constitutivas de cada um. Sendo assim, seria possível chegar a possibilidades de rompimento e de promoção de heterotopias feministas como espaços nos quais as definições binárias e de gênero são obsoletas, propiciando condições para sujeitos agentes e objetos de ação. As heterotopias feministas, portanto, devem ser encaradas como espaços simbólicos e políticos, não imaginados até então.

### **3 Neoliberalismo *versus* práticas discursivas femininas na revista *AzMina***

No livro *Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas*, Rago (2019) resgata as teses defendidas por Foucault (2008) quando ele apresentou como a racionalidade neoliberal, compreendida como uma forma de conduzir as condutas, se desenvolveu para todas as dimensões da vida ao construir uma subjetividade individualizante ao compor o mundo como se tudo fosse mercadoria e, por conseguinte, elaborou uma experiência de vida utilitária na qual presume sermos empresários de nós mesmos. Esse resgate, articulado aos estudos feministas empreendidos por essa historiadora, é importante para (re) atualizarmos a construção discursiva da mulher, se lembrarmos que sempre existiram diversas formas de contracondutas, isto é, diversas formas de se elaborar inventivamente, de se posicionar no mundo, de se relacionar com os outros e consigo mesmo.

O sujeito feminino, por imposição das convenções sociais, foi e é constantemente considerado como território e, portanto, como uma superfície de conquista pelo dispositivo de poder patriarcal. Esses corpos são considerados como aqueles cuja existência submete-se quase sempre à vigilância e à punição também dos homens, sejam eles pais, maridos, irmãos ou filhos. A condução das condutas, intensificada pelo neoliberalismo, ganhou contornos ainda maiores no período de isolamento social. Com isso, ensejamos enfatizar o quanto a lógica neoliberal atinge diferentemente homens e mulheres, de forma que há uma delicada questão que requer destaque nesse modo de governar, a saber, a normalização biopolítica do trabalho feminino não remunerado, como por exemplo a limpeza da casa, preparação de alimentos e os cuidados com crianças, idosos e doentes da família, no ambiente doméstico, onde há uma atuação dessa biopolítica por meio de práticas neoliberais.<sup>3</sup>

Essa nova situação política e econômica endossa violências contra o gênero feminino e permite a compreensão de que o crescimento das opressões no ambiente doméstico está relacionado às coerções oriundas do ambiente externo; longe de justificar tais violências ou pior, de absolver os/as transgressores, não podemos descartar a hipótese segundo a qual as imposições aos corpos utilitários do mercado de trabalho colaboram, e muito, para a efetivação da violência doméstica. Como se não fosse o suficiente realizar um papel significativo na concentração de capital, a mulher é ainda a maior vítima da racionalidade neoliberal.

A configuração do homem-provedor, construído via discurso, daquele que ainda representa, pelo menos no imaginário social, a figura do arrimo de família, se dá principalmente naquilo que se convencionou chamar de doméstico. Aliado a isso, as discussões sobre a concepção ou contracepção de filhos, e a consequente maternidade compulsória, são também pautas elucidativas para entender o atual contexto no qual o biopoder abrange os lares, ambiente doméstico supostamente considerado um lugar pacífico e de acolhimento. Ainda sobre a maternidade compulsória, uma das maiores violências contra o sujeito feminino, o Projeto de Lei – PL 7364/14, que retira a exigência de consentimento dos cônjuges para a esterilização voluntária tanto do homem quanto da mulher, aprovado no dia oito de março do corrente ano, isenta parcialmente a mulher de violência, pois é senso comum, principalmente nos discursos de profissionais da

---

<sup>3</sup> Sobre isso falaremos adiante, mais especificamente na próxima seção.

medicina, exaltar a sensatez do homem que se submete à vasectomia ao passo que depreciam a decisão feminina de fazer a laqueadura tubária sob alegação de que ela tem apenas um ou dois filhos; como é a mulher que leva em seu ventre um feto, ao não desejar fazê-lo carrega sobre si o peso do julgamento social.

#### **4 Violência doméstica durante a pandemia contra o sujeito feminino**

No dia onze de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde – OMS anunciou aos brasileiros, em rede midiática nacional, uma pandemia denominada Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, oriunda da China. Sem saber muito a respeito da doença naquele momento, a única certeza que tínhamos era de que o vírus não fazia distinções étnicas, sociais, econômicas ou de gênero para que o contágio ocorresse. No entanto, ficou muito nítido no período pandêmico o exercício do poder sobre os corpos femininos, que se viram obrigados a permanecer em casa com seus agressores.

Com isso, as desigualdades, que já assolavam o país, se revelaram de forma estarrecedora e políticas de biopoder sobre os corpos evidenciaram, como nunca visto antes, a tecnologia de poder que abrange a vida dos homens infames (FOUCAULT, 2003). O poder do pai sobre os filhos, do médico sobre seus pacientes, do homem sobre a mulher, por exemplo, configura tecnologias de poder.

É no quadro de vida precarizada, parcela da população em vulnerabilidade, que o vírus se instalou com mais potência em vista dos desmontes da saúde pública e da superexploração dos trabalhadores. Sem surpresa alguma, o sujeito feminino pode ser um representativo das pessoas que mais sofreram durante esse momento, como bem veremos a partir dos dados estatísticos levantados à época. Nessa perspectiva, retomamos a SD2, efetivamente produzida por sujeitos sociais, para compreendermos como as verdades, os sujeitos, os objetos são construídos por meio da produção e da circulação desse discurso.

SD2: Como será gerida a crise financeira quando casa e trabalho recaem sobre o mesmo espaço físico e às costas das mulheres é que se joga socialmente o oneroso trabalho reprodutivo? A dimensão do endividamento também aterrissa drasticamente sobre os corpos feminizados: são as mulheres que primeiro sentem na própria pele os impactos da ausência de recursos e as consequências do endividamento, deixando de se alimentar para dar de comer às suas crias. (LE MONDE DIPLOMATIQUE, 2020)

São as mulheres que dão condição política ao cuidado de si e dos outros, que realizam os trabalhos não remunerados, que passam por duplas ou triplas jornadas de trabalho mal assalariado e estão à linha de frente das ocupações que asseguram a reprodução e a manutenção da vida de modo a funcionar como uma estratégia que demonstra a eficácia produtiva do poder. Nesse contexto, fica explícito o quanto a casa e trabalho recaem em um mesmo espaço físico.

No Brasil, os números de casos de violência doméstica sofridos por mulheres aumentaram substancialmente, como constatado na capital paulista, de acordo com a Agência Brasil (2020), ao informar que os atendimentos da Polícia Militar a mulheres vítimas de violência aumentaram 44,9%. O total de socorros prestados às mulheres em São Paulo passou de 6.775 para 9.817, em comparação entre março de 2019 e março de 2020. A quantidade de feminicídios também subiu no estado, de 13 para 19 casos (46,2%). De acordo com o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos – MDH (2020), o estado do Rio de Janeiro reforça essa estatística, pois houve um aumento de quase 9% no número de ligações para o canal que recebe denúncias de violência contra a mulher.

Outra particularidade que deve ser considerada em relação aos números divulgados, é aquela que faz alusão à realização de denúncias, se levarmos em conta que em tempos de confinamento muitas mulheres não puderam sair de casa para efetuar suas queixas ou tiveram medo de registrá-las formalmente, visto que os agressores estavam junto delas a todo momento. Em resposta a esses números é sabido, de acordo com inúmeras fontes midiáticas, que o presidente Jair Bolsonaro menosprezou o aumento das taxas de violência doméstica. Em suas palavras, conforme SD1 *tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão* (AZMINA, 2020).

A leitura da SD1 nos leva a compreender que para esse dirigente o corpo da mulher é determinado como aquele que deve ser submetido à agressão ou à morte e isentaria, pelo modo como foi escrito, o agressor da responsabilidade pelo crime, culpabilizando a vítima. Além disso, submete a violência doméstica à esfera privada e, com isso, potencializa, ainda que implicitamente, o discurso que dá primazia à economia em detrimento da vida. A partir dos números demonstrados, observamos um crescimento progressivo das denúncias de violência que revela um estado de sofrimento contínuo no

ambiente onde supõe-se ser pacífico. Percebe-se aí, com mais efetividade, o dispositivo patriarcal como um conjunto multilinear, composto por linhas emaranhadas e curvas que se relacionam a regimes de saberes dispersos, mas interligados a regimes de poder.

O isolamento, por mais que fosse a medida de prevenção mais efetiva contra o perigo viral, é obviamente uma ordem política patriarcal e que trouxe, mais uma vez, violências que reincidiram e reincidem sobre o corpo das mulheres. É nesses corpos e no ambiente doméstico que o capitalismo procura atuar nesse cenário de crise, sobrecarregando aquelas pessoas que realizam as mais diferentes atividades como contribuição a reconstruções de vidas e de espaços próprios a períodos pós-pandêmicos. As violências, como já mencionado, estão interligadas e, assim sendo, não é surpresa que uma vontade coletiva de retorno à normalidade fosse, e ainda o é tão percebida.

Estando o dispositivo sempre inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou às configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam (FOUCAULT, 1999), fica inequívoco, dessa forma, o quanto a violência machista e o dispositivo de poder patriarcal, que funcionam em conjunto – saber, poder e subjetividade – são suporte da nossa sociedade. É no olhar feminista que se revelam as violências que nos consternam – a nós mulheres. Com tal entendimento das relações de poder é que o dispositivo é, aqui, abordado como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2019, p. 364).

O poder patriarcal coabita o âmbito público e o âmbito privado e é amparado igualmente por um sistema político-econômico. É a partir dessa constatação que se buscou observar o quanto a biopolítica, com suas estratégias, acompanha as violências sociais, políticas e econômicas que recaem sobre os arquétipos de opressões, de submissões e de agressões, nas suas mais variadas formas, nos corpos das mulheres. O ambiente doméstico se apresenta como um lugar no qual o machismo se mostra como um modo de disciplinamento, isto é, um tipo de organização do espaço e daquilo que se vivencia da mesma forma no ambiente público. Assim, de forma breve, é conceituado o

que se entende por neoliberalismo e como esse sistema político-econômico produz novas subjetividades.<sup>4</sup>

É em meio a um acontecimento devastador e a desmontes públicos que fomos surpreendidos por uma pandemia. A quarentena foi a medida sanitária e preventiva mais efetiva naquele momento. Em vista disso, as discussões aqui realizadas buscaram apontar para os impactos desse vírus na vida das mulheres brasileiras e para o como esse vírus desnudou, de maneira assustadora, o poder patriarcal alicerçado nas práticas discursivas cotidianas na nossa sociedade. A título de exemplo, os sujeitos femininos, ora materializados nas chefes de família, nas mães solo, ora nas trabalhadoras informais, que não são remuneradas ou, pior, recebem menos que um homem, mesmo realizando a mesma função, ou, ainda, sujeitos femininos materializados naquelas que atuam à linha de frente no combate à Covid-19, foram os mais expostos à violência. Não podemos nos esquecer, também, daquelas mulheres impossibilitadas de ficarem em casa porque, arrimos de famílias, precisaram sair para o trabalho e, assim, ficaram sobrecarregadas. Em contrapartida, houve aquelas que perderam seus empregos ou, por imposição da pandemia, passaram a conviver todas as horas do dia com seus agressores. Frente a esse cenário fica evidente, mais uma vez, que é no corpo das mulheres que o isolamento denuncia, com mais notoriedade, o exercício do poder daqueles que se acham no direito de decidir quem deve viver e quem deve morrer, como bem observado por Baracuhy:

Ao abordar as relações de poder como constitutivas dos sujeitos, ao nos alertar sobre a produção biopolítica que incide sobre o nosso corpo, ao chamar a atenção sobre a maneira como exercemos nossa subjetividade, Foucault nos interpela no sentido de que somos responsáveis pela produção ou reprodução de verdades, pelo questionamento de práticas e estratégias que compõem espaços de exclusão, de segregação, de censura, de silenciamento que fazem parte da maquinaria social em que vivemos. (BARACUHY, 2018, p.5)

Ao problematizarmos a SD1 pudemos observar que em seu espaço de informação a revista traz recursos já conhecidos, como as reportagens investigativas, do campo do jornalismo informativo, e das listas com dicas de entretenimento, tão conhecidas nas revistas femininas, para apresentar algo novo, ou seja, questões sociais que nos afetam

---

<sup>4</sup> Neste artigo entendemos neoliberalismo tal qual entende Foucault (2008) que o conceitua como práticas e valores econômicos que envolvem todas as relações da esfera da intimidade e que produz, conseqüentemente, uma nova subjetividade. Isso está ligado diretamente a uma forma de exercício de poder que caminha lado a lado com a globalização capitalista.

como mulheres, fugindo dos estereótipos dos meios de comunicação tradicionais que abordam, em sua grande maioria, questões relacionadas à beleza. A revista também questiona essa limitação às mulheres a conteúdos voltados à estética, o que acaba inclusive por limitar a atuação feminina em certos espaços tradicionalmente ocupados por homens.

É importante destacar que *AzMina* também prima por representatividade, conforme se observa nas capas do portal, de sujeitos não representados, pelo menos não com a mesma frequência, em outros espaços, como é o caso de mulheres trans, gordas, negras, brancas, magras e indígenas. Isso faz com que, mais uma vez, demos destaque aos discursos materializados nesse espaço, o que o difere de veículos tradicionais que quase sempre preferem apresentar corpos femininos construídos socialmente e naturalizados como aqueles cujos atributos recaem sobre um mesmo padrão de beleza, o branco e magro. Existe, portanto, uma promoção de transgressão sugerida pela revista, em relação aos veículos de comunicação convencionais, passando pela maneira como as temáticas são apresentadas e pelas personagens colocadas em foco.

## **5 Algumas considerações**

A presença do filósofo francês Michel Foucault, quanto à abordagem de seus conceitos nos estudos discursivos, já é consolidada em um sem número de pesquisas em território brasileiro, nas mais variadas linhas: na Psicologia, na Sociologia, na Educação, na História e nos estudos voltados às mídias. Recorremos ao seu pensamento simplesmente pela sua incondicional dedicação à compreensão dos sujeitos, legando-nos, incontestavelmente, recursos para entendermos os diferentes modos subjetivação do ser humano na nossa cultura.

Quando lemos uma SD como *tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão*, não vemos outro caminho de acesso a esse dizer senão a partir de sua historicização. O incômodo acerca da evidência do aumento da violência doméstica contra o sujeito feminino durante a pandemia, nos motivou a encetar a presente discussão. Para isso estivemos calcadas em duas inquietações.

Em um primeiro momento, buscamos dar destaque à relevância do conceito de heterotopia para leituras SDs advindas de espaços heterotópicos como *AzMina*. Em segundo lugar, primamos pelo entendimento do modo como a biopolítica e neoliberalismo, quando articulados, endossam a violência contra a mulher.

Sobre o primeiro ponto, esperamos ter conseguido, ainda que de modo breve, demonstrar a produtividade do referencial teórico foucaultiano, pois, como vimos, somente uma historicização de SDs captadas em cronologias diversas, mas isoladas aqui nessa discussão, pode nos fazer compreender as rupturas, as fragmentações ou as regularidades quanto ao estatuto de determinados objetos. Assim, a revista *AzMina* configurou-se para nós como uma heterotopia feminista ao gerar novas significações, valores e inspirar, por meio da desestabilização das convenções, outros projetos de vivência, representando as mulheres em sua heterogeneidade. É preciso destacar ainda a importância desse canal para fortalecer a capacidade de agenciamento de certas coletividades, pois foi por meio dele que foi possível criar espaços discursivos para que elas tivessem e tenham possibilidade de fala.

Sobre o segundo ponto, destacamos como o neoliberalismo e a biopolítica afetam as mulheres. Foram elas que sentiram as primeiras consequências da crise sinalizada pela precariedade provocada pela pandemia. Apresentamos, também, alguns dados sobre como a violência de gênero no Brasil estabeleceu a urgência de compreender essas relações a partir desses conceitos. Esperamos ter demonstrado, ainda, o quanto é importante darmos destaque a espaços nos quais são possíveis materializações discursivas de contracondutas.

## **Agradecimentos**

Nesta ocasião aproveitamos para agradecer aos organizadores desta edição pela oportunidade de apresentarmos nossa discussão teórica a partir dos estudos discursivos foucaultianos. Agradecemos previamente aos avaliadores pela leitura deste texto, cujas contribuições foram de extrema relevância para posteriores pesquisas acerca do tema tratado aqui. Agradecemos, também, às discussões e ao apoio do Grupo de Estudos Foucaultianos da Universidade Estadual de Maringá – GEF/UEM, liderado pelo Prof. Dr. Pedro Navarro.

## **Contribuição**

**Bruna Cristina Almeida Faria:** Conceptualização, Escrita - análise e edição; **Andréa Zíngara Miranda:** Supervisão; Escrita - análise e edição.

## **Referências**

BARACUHY, Regina. Cartografias discursivas: notas sobre as práticas discursivas do sujeito contemporâneo no espaço urbano. *In: Conferência Abralin em Cena Bahia*, 2018.

BUITONI, Dulcília Schroeder; LOPES, Martha. "Revista AzMina" e Carnaval sem Assédio: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 2, p. 21-40, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JÚNIOR, José Antônio. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. *In: CABRAL DOS SANTOS, João Bosco (Org.). Sujeito e Subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: Edufu, 2009. (Linguística In Focus 6).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas (1966)**. São Paulo: Martins, 1987.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In: Ditos e Escritos. Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **Ditos e escritos**, v. 3, p. 411-422, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da Sexualidade. *In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 243-276.

GOULART, Dominique. Notas sobre uma leitura feminista da pandemia. **Le Monde Diplomatique**, 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/notas-sobre-uma-leitura-feminista-da-pandemia/>. Acesso: 07 dez. 2020.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 24.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007, p. VII-XXIII.

RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio. **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas**: perspectivas foucaultianas. Intermeios, Casa de Artes e Livros, 2019.

RAGO, Margareth. O feminismo acolhe Foucault. **Labrys. Estudos Feministas**, v. 26, 2014.

SWAIN, Tania Navarro. As heterotopias feministas: espaços outros de criação. **Estudos Feministas**, v. 3, 2003.

VIOÊNCIA CONTRA MULHER: MAIS UMA EPIDEMIA QUE BOLSONARO MINIMIZA. **Revista Azmina**, 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/violencia-contramulher-mais-uma-epidemia-que-bolsonaro-minimiza/>. Acesso em: 07 dez. 2020.

VIOÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19. **Fórum de Segurança (FBSP)**, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>. Acesso: 07 dez. 2020.

Recebido em: 10 de abril de 2022

Aceito em: 23 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

---

Bruna Cristina Almeida Faria  
E-mail: [bruna\\_caf@hotmail.com](mailto:bruna_caf@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7287-9910>

Andréa Zíngara Miranda  
E-mail: [andreamirandazingara@gmail.com](mailto:andreamirandazingara@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5382-1804>